

> “O Colégio Estadual Dr. Raimundo Alves Torres, na perspectiva de seus agentes” - Breves notas sobre o fazer antropológico

Mateus Rodrigues Jorge

>mateus.jorge@ufv.br

**Graduando em Ciências Sociais
Universidade Federal de Viçosa**

Amanda Rocha

**Graduanda em Ciências Sociais
Universidade Federal de Viçosa**

“O Colégio Estadual Dr. Raimundo Alves Torres, na perspectiva de seus agentes” é uma produção dos estudantes Mateus Rodrigues Jorge e Amanda Rocha, graduandos em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), resultado das discussões, orientações e reflexões oriundas da disciplina Etnografia e Métodos, ofertada no referido curso pela Professora Dra. Maria Isabel, entre agosto e dezembro de 2019.

Uma das atividades avaliativas da disciplina consistia na elaboração de uma etnografia. Neste período, o primeiro graduando mencionado cumpria estágio obrigatório na Escola Estadual Dr. Raimundo Alves Torres, um dos maiores colégios estaduais da cidade e, também, um dos mais próximos da Universidade Federal de Viçosa - a instituição que movimenta o município economicamente, politicamente e socialmente.

Em *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*, Vagner Gonçalves da Silva (2000) dedica um capítulo à reflexão sobre a chegada do pesquisador ao campo. O livro trata especificamente de etnografias realizadas em terreiros, mas certas reflexões permitem pensar a entrada do antropólogo independentemente do campo, guardadas as devidas especificidades. Em meu caso, não precisei “chegar ao campo”, pois a minha entrada como estagiário já havia sido legitimada meses antes, e a etapa de convite e aceite dos entrevistados para a pesquisa ocorreu sem problemas.

Vagner argumenta que os artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses que envolvem trabalhos etnográficos, devido a uma tradição inaugurada por Malinowski, não explicitam ou omitem conscientemente o percurso traçado até a finalização do trabalho. Em outras palavras, apenas o que temos acesso, a etnografia escrita, representa uma percepção do antropólogo sobre o campo, sem mencionar as contradições, conflitos e relações desenvolvidas ao longo de todo o campo.

Em vista disso, apresentarei a seguir as etapas que segui para realização desse trabalho, passando por sua concepção, convite aos entrevistados e formatação do filme. Além disso, disponibilizarei as perguntas que orientaram as entrevistas, bem como as gravações completas de todos os participantes.

A cidade de Viçosa, localizada na Zona da Mata Mineira, possui aproximadamente 70 mil habitantes, sendo que a população flutuante é de 20 mil pessoas - movimentadas, sobretudo, pela Universidade. É discurso comum entre os militantes do movimento estudantil (dentre os quais me incluo) que grande parte da população viçosense não usufrui dos benefícios que essa instituição de ensino superior proporciona à cidade, como o lazer, os espaços culturais, além é claro, do próprio ensino de qualidade. Procuro abordar a relação entre a Universidade e o colégio Estadual Dr. Raimundo Alves Torres quando pergunto aos entrevistados “Qual é a distância entre a Universidade e a escola?”

Analisando retrospectivamente, observo que a forma como elaborei a pergunta é tendenciosa, pois pressuponho que exista uma distância entre os estudantes de uma escola pública e suas chances de ingresso numa instituição federal. No entanto, me surpreendi com várias respostas dos estudantes e dos funcionários da escola, que contrariaram minha expectativa.

Ruth Cardoso (1986), em um texto célebre sobre a metodologia na pesquisa de campo esboçou uma excelente reflexão sobre “as armadilhas do método”, na qual a situação citada acima pode ser enquadrada:

o objeto do conhecimento é aquilo que nenhum dos dois conhece e que, por isso mesmo, pode surpreender. Logo, a novidade está na descoberta de alguma coisa que não foi compartilhada e não - como quer a noção usual de empatia - na comunhão (CARDOSO, 1986, p.103).



